

Ah, ser em inacção!
Sem pensar, tudo ver;
Tranquilo o coração,
Ser tudo e nada ser.

Ou ainda, como nesta, que dir-se-ia justificar a relutância do cantor de *Clepsidra* em divulgar demasiado os seus versos raros:

Não se ponha a claro
Um objecto raro;
Em discreta luz
Muito mais reluz.

Modéstia e beleza
Tem de andar a par;
Quem as separar
Uma e outra lesa.

Infelizmente não me foi possível, na exposição do pintor e do poeta em Macau, apreciar *ao vivo*, mas apenas num *slide*, certo rosto pálido de chinesa, fixado no jeito expressionista dos primeiros óleos de Júlio. Todavia, ao ver-lhe a reprodução, li nele, nítidos, dois versos de Saúl Dias, insertos no seu volume *Essência*:

Perdido no Oriente! ...
Tanta, tanta alegria! ...

Dele. Nossa.

(1987)

LUÍS D'ALMEIDA BRAGA

Aí por 1943, andava eu às voltas com o curso complementar de Letras, no Colégio bracarense de S. Geraldo, travei relações de amizade com o Carlos d'Almeida Braga, filho do escritor integralista Luís d'Almeida Braga, rapaz da minha idade, com as mesmas convicções políticas que eu professava (e continuo a professar). Em dada ocasião, até, enviara-me ele para Viana do Castelo (terra do meu berço, onde então residia) um gordo maço de exemplares do primeiro número (e único, suponho) de *Restauração*, jornal dirigido por Mestre António Lino. Enviara-mo, com mil precauções, pelo comboio, através de um ferroviário de absoluta confiança, para eu distribuir e vender esse belo e corajoso periódico vimaranense, de índole confessadamente monárquica, recomendando-me, todavia, que o fizesse também com mil precauções, pois pesava sobre *Restauração* não sei que severa censura ou proibição oficial.

Quando, em 1944, Alfredo Pimenta edita o seu controverso volume *A Propósito de António Sardinha* (carta ao escritor brasileiro Guilherme Auler, com quatro cartas de António Sardinha), alguns dos mais destacados discípulos e admiradores do Mestre de *Na Feira dos Mitos*, em número de 36 e encabeçados pelo vulto nobilíssimo de Afonso Lopes Vieira (por quem Pimenta nutria uma aferrada antipatia algo vesga), redigiram um minúsculo folheto com palavras de desafronta, apodando o historiador de *D. João III* de «profissional do escândalo».

Claro que o visado (olha quem!) veio logo a terreiro, com o seu contundente malho camiliano, disposto a fazer sangue, num opúsculo violentíssimo que intitulou *António Sardinha e o Grupo Recreativo dos 36*. No entanto, teve a hombridade de não mencionar um só nome dos seus contendores, mesmo nas acusações (muitas delas gravíssimas!) que lhes lançava, iroso. Limitou-se, pois, a escrever: «Vocês, entre os quais há um que ...» etc, etc, etc. (Cito de memória, distante 18 000 quilómetros, como estou, da minha biblioteca). Sofregamente, o meu gosto pela polémica «à portuguesa» imediatamente adquiriu o opúsculo escaldante, na Livraria Cruz, da velha Rua do Souto. E Carlos d'Almeida Braga ofereceu-me o indignado folheto que ostentava a chancela do Integralismo Lusitano.

Eu admirava profundamente o poeta de *O Livro das Sinfonias Mórvidas* que, ainda menino e moço, topara nas estantes de meu pai; e aprendera a amar mais a minha pátria nos *Subsídios da História de Portugal*, que foram o meu compêndio escolar, quando «bicho» de liceu.

Mas igualmente admirava (e com idêntica intensidade) o poeta da *Epopéia da Planície*, escutando muita vez a meu Pai, combatente de Monsanto, o elogio do doutrinador principal do Integralismo e trechos seus, onde lúcida e apaixonadamente se manifestava «um filósofo com uma sensibilidade de poeta», no dizer lapidar de Lopes Vieira.

A atitude de Alfredo Pimenta, as suas revelações e críticas vinham, de certo modo, dissipar o incenso que, no imo da minha inteligência, eu queimava em louvor de António Sardinha.

Foi, então, que deparei nos escaparates da Livraria Cruz, que assiduamente frequentava, o livro *Posição de António Sardinha*, dado à estampa pelas Edições Gama, da autoria de Luís d'Almeida Braga. Tratava-se do texto da conferência que o escritor proferira, em 1943, no Salão dos Estudos Portugueses da Câmara Municipal do Porto. Atraíu-me a epígrafe: «*Son los poetas quienes mueven a los pueblos*». A afirmativa é de José António Primo de Rivera, e evocava-me o tempo em que o meu coração adolescente vibrara ao som do clarim heróico que os ventos da Espanha flagelada me traziam, arrebatadores.

A minha condição de poeta, auto-irónico apenas por pudor («pudor nem eu sei de quê»), enfunou-me de orgulho e a minha estima por Sardinha, embora seriamente perturbada, levou-me a comprar a obra, a lê-la com avidez e subido prazer, pois Almeida Braga era um estilista de mão cheia. A vibrante defesa (melhor: o justo panegírico) do pensamento do autor de *Ao Princípio era o Verbo* mostrou-se-me de tal modo clara e convincente que, nesse instante, António Sardinha regressou, inteiro e impoluto, ao culto entusiástico que o meu espírito anteriormente lhe rendia.

A conferência fora concebida para um auditório de jovens como eu. Fixei, para sempre, o derradeiro período belamente exaltante que dir-se-ia (desculpe-se a pedanteria da adolescência) escrito para mim:

«Não pode o Espírito viver agrilhado no cárcere dos números. Abri as portas à poesia, rapazes! Para reanimar as almas desfalecidas e reacender nos corações o lume da Esperança, com António Sardinha, cantai, cantai!»

Não descansei, enquanto não pedi ao Carlos d'Almeida Braga para alcançar de seu pai a gentileza de um autógrafo, no meu exemplar de *Posição de António Sardinha*. Um dia depois, eu abria já, com palpitante curiosidade, a portada do volume, onde deparei, gravado numa letra desenhada, elegante, que me lembrava o cursivo artístico de Lopes Vieira, as seguintes laudas:

«Neste livro do estudante António Manuel Couto Viana escrevo o meu nome como um fervoroso acto de fé e de esperança na Mocidade Portuguesa.

«26 de Maio de 1944.

«Luís d'Almeida Braga.»

Não cheguei a conhecer, pessoalmente, o escritor de tantas loas ao meu torrão minhoto, e de tantas páginas de crítica arguta e acutilante.

Mas, pela vida fora, jamais traí a fé e a esperança que depositou na minha então mocidade portuguesa, nem deixei de seguir a exortação do seu conselho. E, com António Sardinha, cantei, cantei ... E canto, ainda.

(1987)

O queridíssimo Luís!

Conheci-o pouco depois de eu editar *No Sossego da Hora*, decerto em 1949, e por intermédio do David Mourão-Ferreira, com quem eu acamaradava desde 1946. Andávamos, então, o David e eu, a sonhar com o lançamento de uma revista literária, *Clima* (título proposto pelo David), de que ainda guardo o sumário dos primeiros números, em que figuram trabalhos de Jacinto Baptista e Augusto Abelaira, nossos co-tertulianos no Café Chave d'Ouro (primeiro andar). Cito estes dois escritores porque nenhum deles afinal chegou a colaborar em revistas sob a nossa comum orientação. O sonho era naturalmente utópico, já que as nossas bolsas de estudantes não estavam suficientemente abonadas para manter, nem sequer lançar, tal publicação. Mas qual é a geração literária que não aspira divulgar a sua mensagem estética pelas páginas de uma revista? Por isso, não desistindo da ideia, procurámos torná-la menos ambiciosa, mais de acordo com a possível viabilidade:

Para a edição de uma revista, era necessário um sem-número de autorizações oficiais, a censura prévia, a prestação de avultada caução, etc.? Pois bem: chamar-lhe-famos apenas *folhas*, o que nos libertava logo dessas imobilizadoras peias burocráticas. A composição tipográfica da prosa (o conto, o ensaio, a crítica, indispensáveis numa revista literária) era mais dispendiosa do que a composição de poemas? Pois bem: editaríamos umas *folhas de poesia*, com a vantagem de a última revista no género, *Cadernos de Poesia*, ter-se extinguido havia precisamente oito anos. (Mais a mais, nós éramos, nessa data, acima de tudo, poetas, embora o David abordasse, então, o ensaio e o teatro, e começasse a escrever um romance; e eu tivesse publicado já duas pecinhas infantis.) O subido preço do papel? As *folhas* seriam impressas em «papel de embrulho», bem mais barato que qualquer outro, um tanto semelhante ao que a *presença* utilizara até 1938. A inclusão de gravuras iria pesar substancialmente no orçamento? Optando pelo *offset*, poderia desenhar-se directamente na chapa litográfica, com um lápis adequado, evitando assim a zincogravura. Haveria alguma tipografia que nos aceitasse o trabalho, incondicionalmente? Havia. Eu trabalhava, nessa altura, com uma; chamada *Edições «O Mosquito» Lda.*, pertença da Mocidade Portuguesa, que acabara de a adquirir, onde era composto o jornal infanto-juvenil *Camarada*, sob a minha direcção a partir desse mesmo ano. Eu ficaria, pois, por fiador das *folhas*.

O mais difícil do empreendimento, para nós, parecia emergir da névoa do sonho, exhibir linhas nítidas de realidade! O resto, tão fácil! Escolha de directores e secretário, de colaboradores e de colaboração, de título; decisões sobre periodicidade, preço, endereço da redacção, distribuição... Quantas horas agradáveis a decidir tudo isto, com entusiasmo e precisão!